

What's in a title?: Sonnets from the Portuguese (1850), de Elizabeth Barrett Browning enquanto Pseudotradução (Camoniana) e Pseudo-antologia de Cariz Anglo-Português

Rogério Miguel Puga
(NOVA FCSH/ CETAPS)

Sweetest eyes, were ever seen.
Browning (*Poems* 431-437)

Introdução

Em 1 de Novembro de 1850, a poetisa vitoriana Elizabeth Barrett Browning (*née* Moulton-Barrett, 1806–1861) (EBB) então já casada com o poeta Robert Browning (1812-1889) (RB),¹ publica, na sua antologia *Poems*,² motivada pelo marido, uma série de 43 sonetos de tema amoroso a

-
1. Como é sabido, depois de ler o volume *Poems* de EBB, (RB), um poeta e dramaturgo ainda desconhecido, com 32 anos de idade, escreve à já então famosa poetisa em Janeiro de 1845. O casal conhece-se em 20 de Maio desse ano, quando RB visita EBB, e casa em Setembro de 1846. (Garrett 55) O conteúdo das cartas trocadas pelo casal tem sido relacionado com o de "SFIP". (Karin 1990)
 2. O soneto XLII "My future will not copy fair my past" foi retirado por ser considerado demasiado autobiográfico (e revelador). RB, ao explicar a um amigo o processo de publicação da obra, informa que o último soneto fora redigido dois dias antes do matrimónio do casal e revela o segredo do título: "the publishing them was through me – in the interest of the poet, I chose that they should be added to the other works, not minding the undue glory to me, if the fact should become transparent: there was a trial at covering it a little by leaving out one sonnet which had plainly a connexion with the former works: but it was put in afterwards when people chose to pull down the mask which, in old days, people used to respect at a masquerade. But I never cared. "The Portuguese" – purposely an ambiguous title – was that Caterina who left Camoens the riband from her hair." (Curle 114-115) A edição de 1853 não foi muito alterada, mas, em 1856, a autora adicionaria dois sonetos à terceira edição.

que misteriosamente chama(m) “Sonnets from the Portuguese” (“SFTP”), que redigira entre Agosto de 1845 e o início de 1846, inspirada pelo então namorado. Através desse título, a autora inaugura um diálogo anglo-português rumo à sonetística camoniana traduzida em inglês, pois simula, ou sugere, que os seus poemas constituem uma antologia de poemas traduzidos, fenómeno que remete, como veremos, quer para o dispositivo ficcional da pseudotradução enquanto tema literário, quer para a ‘antologização’ de poemas traduzidos. A série de sonetos é publicada no final do segundo volume da segunda edição de *Poems* (438-480),³ logo após o já famoso poema “Catarina to Camoens” (431-437) e posteriormente num só volume. No “Advertisement” da antologia, assinado na cidade de Florença, em Janeiro de 1850, EBB informa o leitor da “weakness of (...) earlier verses” (Browning *Poems* vii) ao desenvolver os então comuns *topoi* da vergonha (de certas composições) e da humildade que eram amiúde expressas paratextualmente por autores e autoras, referindo-se ainda certamente à insegurança relativamente a “SFTP”: “[t]his collection includes, also, various poems hitherto unprinted, which I am glad to have the present opportunity of throwing behind me, so as to leave clear the path before, towards better aims and ends (...) may I hope? (...) than any which are attained here.” (viii) Várias edições autónomas de “SFTP” seriam ilustradas por artistas como Margaret Armstrong, Ludwig Sandøe Ipsen (1886) e por Phoebe Anna Traquair que, entre 1892 e 1897, criou imitações de iluminuras de manuscritos medievais, elementos visuais que reforçam a antiga temática amorosa da obra que assim se torna intermedial.

Na ausência de quaisquer paratextos dedicados à sequência de sonetos, só a localização do poema “Catarina to Camoens” mesmo antes de “SFTP” poderia indicar, ao leitor atento, sobretudo depois de declarações dos Browning, que o termo “Portuguese” no título

3. A primeira edição dos *Poems* (sem os “Sonnets from the Portuguese”, claro) fora publicada em 1844.

se referiria à portuguesa Catarina-poetisa camoniana.⁴ Esse mesmo adjetivo também convoca a alcunha que RB terá atribuído a EBB, “my little Portuguese” e que vários autores e autoras referem, alguns logo no século XIX, (Hall 262; Gosse 3) ao recordar que o nome carinhoso se deve à predileção do poeta pelo poema “Catarina to Camoens” e ao cabelo, à tez e aos olhos escuros de EBB, semelhantes aos da imagem estereotipada da mulher portuguesa que perdurava então na Grã-Bretanha. (Black 134; Lovelock 152) O mitificado momento da decisão da publicação e da atribuição do título dos sonetos descrito pelos dois membros do casal e críticos literários tornou-se gradualmente um famoso episódio literário e, em 1896, Edmund Gosse decide partilhá-lo ao afirmar “I dared not reserve to myself, the finest sonnets written in any language since Shakespeare’s.” (2) Quando chegou a altura de escolher o título, a decisão coube a RB:

as an ingenious device to veil the true authorship, and yet to suggest kinship with that beautiful lyric, called Catarina to Camoens, in which so similar a passion had been expressed. Long before he ever heard of these poems, Mr. Browning called his wife his “own little Portuguese,” and so, when she proposed “Sonnets translated from the Bosnian,” he, catching at the happy thought of translated,” replied, “No, not Bosnian – that means nothing but from the Portuguese! They are Catarina’s sonnets!” And so, in half a joke, half a conceit, the famous title was invented. (Gosse 3)

Só epitextos de “SFTP” (entrevistas, biografias, cartas, recensões, artigos, capítulos de livros sobre os autores) nos permitem saber como e por que razão foi escolhido o título de cariz anglo-português que simula a pseudotradução da antologia

4. No entanto, como recorda Rahman, o primeiro soneto de “SFTP” contradiz o tom de moribunda “Catarina to Camoens”: “it is possible, though, to use one’s imagination and believe that Catarina did write the sonnets, and think that she had found someone to replace Camoens in her affections. The speaker in Sonnet I does say that she had been dying when she was rescued by the arrival of love in her life, and since the sonnet shows a juxtaposition of love and death, that speaker may just as well have been Catarina as Elizabeth”. (4)

'portuguesa', cuja suposta foreignness desviaria a atenção da autoria "camuflada" dos textos amorosos autobiográficos, pelo menos num primeiro instante, transformando EBB numa (pseudo)tradutora do português. Ao longo deste artigo, a pseudotradução interessa-nos como um já antigo artifício ficcional (Rath *Pseudotranslation*, 111-138)⁵ que, no caso, assenta em vários textos portugueses, sobretudo sonetos camonianos, que constituem uma (dialógica) rede intertextual em torno do conteúdo e do título de "SFTP", das traduções de Percy Clinton Sydney Smythe, *Lord Strangford* (1780-1855) aos poemas de Wordsworth e Byron que invocam Camões, entre outros. Em termos de análise literária, interessa-nos o estatuto ficcional da pseudotradução, os temas e as características que "SFTP" partilha com sonetos amorosos portugueses, pois é essa a máscara atrás da qual a autora se esconde através do pseudo-exercício da tradução para o público leitor anglófono. O título remete ainda para a metáfora da (reescrita de) poesia como tradução de emoções em palavras e estratégias literárias. Aliás, Apter considera que a tradução permite um "particularly rich focus for discussions of creative property and the limits of ownership (...) [a] unique case of art as (...) authorized plagiarism", (303) e sendo Camões lírico já conhecido no Reino Unido, e não estando os sonetos assinados por autores específicos em "SFTP", ninguém poderia atestar a 'qualidade' literária ou a 'proximidade' da tradução com os originais, sugerindo uma encenação de plágio que funciona também como uma denúncia imediata do simulacro implícito no título que remete para textos portugueses que nunca existiram.

A crítica literária coeva intuiu logo a estratégia da pseudotradução, e um dos primeiros recensores, na *Fraser's Magazine*, considerou: "from the Portuguese they may be, but their life and earnestness must prove Mrs. Browning either to be the most perfect of all known translators, or to have quickened with her own spirit the Framework of another's thoughts, and then modestly declined

5. O estudo pioneiro de Santoyo analisou a pseudotradução como artifício literário e *framing device*. (47)

the honour which was really her own", (181) levantando a dúvida sobre a verdadeira origem dos textos. Também a *Blackwood's Magazine* publicaria um texto laudatório anônimo, em 1862, após o falecimento de EEB, que considera os sonetos textos originais (e não traduções): "exquisite love-poems veiled with intelligible modesty under the title of 'Sonnets from the Portuguese,' though no poet in Portugal ever sounded such passionate and thoughtful notes. How instinct with life, and real, not feigned, emotion they are!" (450) O relevante papel intercultural da *print culture* vitoriana, quer de tradutores de sonetos publicados isoladamente,⁶ quer de recensores, é atestado quando estes últimos publicam traduções de Camões ao avaliar a primeira antologia de sonetos camonianos traduzida por Lord Srangford, (Frere 44) sendo essa tendência também rentabilizada por EBB. Como recorda Baubeta, a tradução de sonetos de Camões satisfazia, então, "the public's appetite for light entertainment, often with a manifest gender bias", ("Revisiting" 6) invertendo as traduções feitas por mulheres gradualmente a situação, como acontece com a antologia de pseudotraduções de EBB.

Se no início do século XX a obra de EEB desaparecera da história e crítica literárias, permanecendo sobretudo a ideia da heroína romântica que abriu o seu coração em "SFTP", (Stone 193 e 217) a sua obra pioneira e a influência em autoras posteriores receberiam especial atenção da crítica feminista no século XX, sendo os poemas destacados como "one of the first of the semi-autobiographical, amatory, lyrical or partly lyrical sequences in modern settings that compromise one of the major innovations in Victorian literature", (Mermin, *The Female* 351) como "sincere poetic voice (...) odd rhymes;" (Morlier, "Sonnets" 97) "(re)gendering Petrarch", (Remoortel 247) "poetic account of courtship", (Reynolds 53) "medicated music (...) curative restoration," (Smulders 193) "argumentative discourse"

6. Por exemplo, a tradução do soneto "Thy lovely charms, celestial maid" publicada anonimamente em 1804 nas revistas *The Lady's Monthly Museum, or, Polite Repository of Amusement and Instruction* (Anônimo "Thy Lovely" 64) e *The Spirit of the Public Journals* (114, tradução de Old Nick) com o título "Beauty. From the Poetry of Camoens".

(Elmore 95-105) e poética da melancolia e da nostalgia. (Riede 94-97 e Guimarães, “O Gosto” 59) Se o soneto sempre gozou de um elevado estatuto no sistema literário português, (Baubeta, “Revisiting” 1) em Inglaterra, no final do século XVIII e início do século XIX, esse poema curto que dá título à obra de EBB tornara a estar em voga,⁷ e como conclui Baubeta, ao visitar a tradução e a influência de Camões em Inglaterra⁸ e a sonetística camoniana, “the sonnet is a European phenomenon which became the quintessential Portuguese mode of expression because it speaks to the national psyche, giving voice to the most profoundly melancholic sentiments”. (“Revisiting” 1)

O sujeito poético feminino de “SFTP” é simultaneamente amador e amado,⁹ e, como Mermin recorda, “this is not a reversal of roles, but a doubling of them. There are two poets in the poem, [EBB and the addressee RB] and two poets’ beloveds, and its project is the utopian one of replacing hierarchy by equality”, (*Elizabeth* 130) defendendo outros autores que esse eu lírico feminino reforça a hierarquia de género, (Leighton 102) ao mostrar-se algo submissa para com o elogiado amante. (Armstrong 356) Já Remoortel conclui que “(n)o other sequence was cherished for its conservatism in its own time and for its progressiveness in later days, with both camps quoting exactly the same passages to support their argument”, (260) o que veicula bem a subjectividade e ambiguidade dos referidos poemas. Se o título da pseudo-antologia traduzida do português remete para a Catarina de

7. Em 1814, Capel Lofft publica a antologia de sonetos (5 vols.) *Laura, or an Anthology of Sonnets*, em cujo título e prefácio homenageia Petrarca, afirmando no segundo paratexto: “the shortness and the variety of these Compositions adapt them peculiarly to the vast diversity of the circumstances of Life and the state of Mind; its Feelings and its Sentiment; its Passions and its Affections. I have nam’d the Selection, Laura; in affectionate and respectful remembrance of Petrarch, and of that mysterious Passion to which we owe that the Sonnet has such celebrity; and to which, in a great measure, we are indebted for the Taste and Refinement form’d and diffus’d by his delicate and cultivated Genius, by whose peculiar amenity, purity, tenderness, calm and graceful elevation, the Style, the Poetry, the Sentiments and the Manners of Italy, and progressively of Europe, have been so happily influenc’d” (ii). O autor defende ainda: “[n]o form of Poetry is better adapted to produce condens’d thought, imagery and diction. Where there is so much to be said in so little space, there can be little probability of Tautology or idle Wandering” (xxxiv).

8. Veja-se a bibliografia apresentada na nota 35 (Baubeta, “Revisiting” 8).

9. São inúmeros os estudos sobre os sonetos. Williams (2009, 85-102) ocupa-se do tema amoroso, do casamento e da carga lírica da obra, enquanto (Morlier 97-112) destaca quer a dimensão política que os poemas mimetizam através de estratégias literárias da poesia política e de reforma social vitorianas, quer a musicalidade das rimas inovadoras dos poemas, que lhes conferem “the kind of textured, realistic feminine voice that was part of Barrett Browning’s agenda throughout her poetic career.” (98)

Camões, então EBB poderá ter gizado um exercício semi-heteronímico ao atribuir toda uma estética ou poética sentimental, melancólica e amorosa à “portuguesa”, um seu ‘avatar’ emocional (em “SFTP”) que já se dirigira ao amado e lhe oferecera (em “Catarina to Camoens”, estrofe 16) a sua fita do cabelo, antes de morrer, como materialização do seu amor: “Keep my riband! take and keep it, – (...) Feeling, while you overweep it,/Not alone in your despair, – (...) Sweetest eyes, were ever seen”, (Browning *Poems* 436) poema esse que Fernando Pessoa traduziria-adaptaria para português.¹⁰

O eu lírico dos sonetos apaixonara-se e vive um novo ritmo ao som do maestro-amante, estabelecendo uma metáfora musical para descrever a sua situação amorosa do ponto de vista feminino, ao chamar ao amado (RB?) “chief musician” (soneto III) e descrever-se como “caught up into love, and taught the whole / Of life in a new rhythm” (soneto VII) em poemas marcados pelo sentimentalismo (“When our two souls stand up erect and strong”, soneto XXII) pelo amor (“caught up into love, and taught the whole / Of life in a new rhythm”, soneto VII) e pela religião (“ministering two angels (...) Let us stay / Rather on earth”, soneto 3 e “the singing angels”, soneto VII). Já o soneto VI canta a (eventual) ausência e a partida do amado, que é um dos temas petrarquistas que EBB retoma e actualiza, pois gera a certeza do amor através da imaginação da presença do amado e não dor, sendo a poetisa metaforizada como vinho e o amado como uvas (divinas), matéria-prima que dá origem à bebida. De acordo com Mermin, os sonetos – “[EBB’s] most lastingly popular work” – ecoam também os poemas de Donne, (*The Female* 351) pelo que não admira que Coventry Patmore – autor do ensaio “English Metrical Critics” (1857), que inaugurou “the new era of Victorian metrical theory” – considere os sonetos “lofty, simple, and passionate – not at all the less passionate in being highly intellectual, and even metaphysical.” (Taylor 49) Como é sabido, o soneto XLIII é um dos mais

10. A tradução de Pessoa foi publicada na *Biblioteca Internacional de Obras Célebres* (1911-1912) e posteriormente por Mário de Almeida em *Os Sonetos from the Portuguese e Elisabeth Barrett Browning [sic]* (1919) e por Maria da Encarnação Monteiro em *Incidências Inglesas na Poesia de Fernando Pessoa* (1956). Sobre essa tradução, veja-se Monteiro, *Fernando Pessoa* 67-76.

conhecidos poemas ingleses, nomeadamente o *incipit* “How do I love thee? Let me count the ways”, e veicula a intensa temática amorosa da obra que a autora projecta na poesia portuguesa para desviar acusações de sentimentalismo de poemas que a própria autora considerou demasiado autobiográficos ao vacilar publicá-los, inclusive para manter a sua privacidade amorosa. EBB tentou (ou simulou tentar), portanto, não associar o conteúdo emocional da nova obra ao seu nome e, como já vimos, foi o marido que a convenceu a publicar a antologia, pois considerava-a a melhor colecção de sonetos desde a de Shakespeare, com a qual dialoga também intertextualmente ao cantar o amor. O primeiro título pensado para a obra por EBB terá sido *Sonnets Translated from the Bosnian*, tendo RB aconselhado a origem portuguesa devido à sua admiração por Camões e ao poema de EBB sobre Catarina e Camões, embora o casal estivesse ciente de que os leitores anglófonos associariam o termo “Portuguese” à literatura e a sonetistas portugueses como o famoso Camões lírico. (Garrett 82)

1. *Sonnets from the Portuguese*: o Contexto em que surge o Título da Pseudo-antologia traduzida

Vestida de preto (como a recordamos, com base na cultura visual/fotográfica vitoriana) e tendo perdido o seu irmão e a sua mãe, EBB cantava a melancolia, o grito de dor (Dillon 16-17) algo maneirista (como Camões, até em *Os Lusíadas*) e amiúde deprimido, a saudade e as emoções, e uma vez que os vitorianos encaravam a melancolia como “the precise antithesis of poetic creativity”, (Riede 2) a autora disfarça-as de “traduzidas do português” e de sonetos de Catarina moribunda, uma famosa figura feminina portuguesa do século XVI a que EBB dá voz (dirigida a Camões) no mundo anglófono, recuando até a uma época em que Shakespeare e Phillip Sidney escreveram sonetos com enorme êxito, autores na senda de quem se coloca e cuja poética da melancolia e da nostalgia (Riede 94-97 e Guimarães “O Gosto” 60-65) a distancia da simplicidade da linguagem emotiva, da espontaneidade emocional e da subjectividade directa dos poetas

românticos que a precederam. Aliás, Guimarães, ao abordar essa questão, recorda que a poética de “SFTP” não é puramente petrarquista, e apresenta-se como tendo influência estrangeira (nomeadamente portuguesa) e feminina, a saber: a Catarina camoniana, a suposta autora portuguesa (e que agora sabemos ser francesa) de *Letters of a Portuguese Nun/Portuguese Letters* (1669, traduzidas para inglês, por Sir Roger L’Estrange, em 1678), de Mariana Alcoforado (sobre o amor e os trágicos desamores entre uma freira portuguesa de Beja e o soldado francês Noël de Chamilly),¹¹ e o lirismo barroco e maneirista de Soror Maria do Céu, (Guimarães, “O Gosto” 59-82) intertextos de que não nos ocupamos, remetendo o leitor interessado para Sena, (281-282) Monteiro (*Presence* 32-34) e Guimarães que conclui: “EBB’s sonnet cycle appears to be a deliberate combination of opposite features: both feminine and masculine modes, both emotionally spontaneous and carefully restrained and constructed poetic language, both Romantic in mood and Mannerist in rhetorical style”. (“O Gosto” 75)

Numa altura feliz da sua vida – o namoro com RB –, EBB tira partido de temas típicos dos sonetos de Camões, Shakespeare, Spenser e Donne, como a felicidade e a dor amorosas e elabora-os a partir de uma voz e posição femininas que já encenara em “Catarina to Camoens”. Como conclui Riede, a rejeição consciente da temática da melancolia por EBB na sua obra acaba por a intensificar, (2) pelo que esse tema se torna poeticamente produtivo e não incapacitante.¹² O sujeito poético de “SFTP” canta os “sweet, sad years, the melancholy years, / Those of my own life, who by turns had flung / A shadow across me” (soneto I) e classifica o seu canto como negativo e triste (melancólico), até mesmo gótico (soneto V), por oposição aos cantos alegres do poeta destinatário dos seus versos (sonetos III, IV). Numa carta para uma amiga, EBB descreve como mostrou os poemas de amor, em Itália, a RB e ele a convenceu a publicá-los. RB “[was]

11. Ashwin recorda, aliás, que as *Cartas 'Portuguesas'* deram origem a uma designação (*Portuguese*) para o tipo de literatura “which unmasks the naked emotions of the human heart in love”. (x)

12. Sobre esse tema, veja-se Guimarães, “O Gosto” 64-66.

much touched and pleased" e não poderia consentir que se perdessem, pelo que decidiram, em conjunto, "to slip them under some veil", o título *Sonnets from the Portuguese*, que poderia significar "from the Portuguese language", mas que se referia, na verdade, a "Catarina to Camoens". A autora afirma ainda que o ambíguo título permitiria aos leitores britânicos "who are very little versed in Portuguese literature" interpretar livremente esse paratexto. (Gardner 234) Trata-se, portanto, de declarações poéticas de amor disfarçadas de (pseudo) tradução, (Telge 127) e nas décadas de 30-40 do século XIX, a própria EBB traduzira cantos do *Inferno* de Dante, diversos textos gregos, alguns dos quais publicara, ou seja, a sua actividade como tradutora era conhecida, tal como a do seu marido, (Garrett 18, 21, 54-55, 64, 84, 66, 186, 202) e reforçaria a estratégia ficcional da pseudotradução.

Como é sabido, no século XVIII, Thomas Chatterton utiliza o dispositivo da pseudotradução nos seus *Rowley Poems*, tal como James Macpherson (Kristmannsson 39-51) em *Fragments of Ancient Poetry Collected in the Highlands of Scotland, and Translated from the Gaelic or Erse Language* (1760), na senda de Geoffrey of Monmouth, em *Prophetiae Merlini* (1135) e *Historia Regum Britanniae* (1136), Montesquieu, em *Lettres Persanes* (1721), e Horace Walpole que apresenta *The Castle of Otranto* (1764) como uma (pseudo)tradução do italiano para simular o tópico do manuscrito histórico encontrado, levando-o o sucesso do romance a confessar esse artifício no ano seguinte, no prefácio da 2ª edição. Também Joseph Smith pseudo-traduz *The Book of Mormon* (1830), tradição essa que EBB segue ao encenar aquilo a que Large chama de "translational pact" (12) (entre tradutor e leitor). De acordo com Pym, (36) Apter, (210-225) e Toury, (47-59) uma pseudotradução é um texto apresentado como uma suposta tradução sem que exista um correspondente texto de partida/original, nem quaisquer operações de transposição interlinguística, podendo a referida categoria apenas ser activada depois de ser desconstruída "a ficção de estarmos perante uma tradução." (Dionísio 56; vide Rath "Pseudotranslation" 2017, 230)

O artifício e tema da pseudotradução acentuam ainda a tarefa da tradução e o texto alvo como interacção ou situação comunicativa,

(Lopes 99-110) e, no caso de “SFTP”, tem origem apenas no título, ou seja, num elemento paratextual¹³ que afecta o “horizonte de expectativas” (Iser 99, Jauss 88 e Popovič 20) do leitor até que ele se apercebe do simulacro. De acordo com Genette, é através do paratexto, ou espaço intermediário, que um texto se transforma em livro e se propõe como tal ao leitor, sendo através desse elemento que se inicia o diálogo entre o texto e o discurso (do mundo) sobre o texto, (1-8) no caso, uma pseudo-antologia traduzida do português; daí que o prefácio, ou *front matter*, de EBB estabeleça quer uma fronteira de interpretação, quer linhas de orientação que guiam o leitor, (*vide* Rowland 124; Grazia 23-93) como vimos no início deste artigo. Já Moretti afirma que os títulos de obras literárias do século XIX eram “half sign, half ad, the title is where the novel as language meets the novel as commodity, and their encounter can be extremely illuminating”, (135) estabelecendo um performativo pacto ficcional de leitura e, no caso de “SFTP”, de pseudotradução e antologização que Hermans classifica como “deliberate fakes (...) texts which are in fact original even though they claim to be translations”. (50) Tal como os sonetos de EBB demonstram, uma pseudotradução simula a natureza polifónica e características linguísticas associadas a traduções ao referir fontes ficcionadas pelo autor, (Rambelli 441-442) ou seja, são traduções “taken to be an original work.” (Robinson 183) No caso de “SFTP”, os textos de partida seriam anónimos, mas, como veremos, associados a Camões, permitindo à autora esconder-se e até retratar-se. (Venuti 34)

A tradução (fictícia) teria sido feita pela poetisa enquanto *persona* literária (como se de um semi-pseudónimo anónimo – Catarina, a portuguesa – se tratasse) e tradutora de pseudotextos literários e culturais lusos. O título funciona também como autobiografia ficcional ao atribuir à autora as tarefas de tradução de mais de quatro dezenas de sonetos portugueses e a sua inserção no sistema literário

13. Genette (1987) apresenta como paratexto qualquer elemento que faz parte de uma obra, mas não do texto literário principal, como, por exemplo, a capa, os textos iniciais (prólogo, prefácio) e finais (posfácio, índice), o título e as notas e ilustrações que enriquecem um texto.

anglófono, ou seja, Browning assume-se como (pseudo)mediadora intercultural e enfatiza a universalidade do amor e as distintas (ou nem tanto!) formas de o cantar. Mas o que permite o estatuto (ficcional) de tradução aos sonetos de EBB que um outro título não permitiria? Desde (sobretudo) o século XVIII que a (pseudo)tradução é usada por mulheres para esconder a sua autoria feminina ou poderem publicar, (Vanacker 78-95) bem como para falar sobre a sexualidade feminina em sociedades conservadoras, (Koçak 199-218) e EBB também o quis fazer, ou simular, devido ao cariz demasiado emotivo dos seus sonetos autobiográficos, podendo a estratégia servir como aviso prévio da consciência da autora dessa carga emotiva para os críticos que a acusassem de tal. O título da pseudotradução remete para identidade (literária) nacional portuguesa e poderá ser um ‘pisca de olhos’ da autora para a crítica ao anular ou diluir ironicamente a sua autoria, enfatizando a natureza dialógica e intertextual de todo o texto literário.

Ao nível paratextual, EBB continua a (re)criar uma *persona* cultural que assenta numa antiga tradição lusa, a “Portuguese” Catarina que confessa o seu amor por Camões. A poetisa inscreve-se assim na antiga e conceituada prática de sonetística, a par de Camões e Shakespeare, cujas temáticas amorosas, linguagem e tom “TSFP” ecoa. O artifício literário da pseudotradução instaurado pelo título implica vários binómios, como original/tradução, texto de partida/alvo, autor/tradutor e facto/ficção, (Gürçağlar 516) e invoca e manipula, nem que momentânea e ironicamente, o horizonte de expectativas do leitor na cultura de chegada, cuja visão do texto é alterada pelo simulacro da suposta tradutora, ou até da autora portuguesa, Catarina camoniana, depois traduzida para inglês, remetendo o título também para a natureza e função da literatura no geral como tradução de sentimentos e emoções, como o aristotélico conceito de catarse insinua há milénios, a par da ideia do texto literário poder nunca ser o que parece e recusar ironicamente as (auto-)classificações e interpretações de que é alvo.

Como já afirmámos, mas veremos agora com maior precisão, “SFTP” passa também por pseudo-antologia traduzida. A autora e o marido mitificam o momento da decisão de publicar os poemas com

o título final, criando um episódio literário familiar e amoroso que espelha, a par da suposta antologia de traduções de sonetos portugueses, o processo gradual da canonização e antologização (como analisaremos na secção seguinte) de Camões lírico na Grã-Bretanha. Como recorda Naaijken, “the role played by the anthology in the canonizing process is underestimated. (After all, many poets are only known for their poems in anthologies, often the sole reason even to include them in a subsequent anthology)”, (516) ou seja, a par do dispositivo ficcional da pseudotradução, EBB rentabiliza também o da antologia, enquanto produto consumível, (Hopkins 285-304) de um *corpus* de poemas com base na forma poética (soneto) e origem nacional (supostamente portugueses, ou escrito por uma portuguesa), até porque, como veremos, desde 1687 que sonetos de Camões eram publicados em antologias de poesia europeia na Inglaterra, até que, em 1803, surge a antologia de poemas do bardo português que inspiraria o poema “Catarina to Camoens” e o título de “SFTP” que decalca o da antologia de Lord Strangford, *Poems from the Portuguese*. Esses processos de tradução e antologização de EBB seriam uma forma de reescrita, domesticação e adaptação do texto com o leitor alvo (implícito) em mente que apreciará sonetos estrangeiros ‘sentimentais’, como os poemas (recontextualizados) de Camões eram caracterizados. As antologias ajudam a canonizar autores, a difundir esses cânones e funcionam como “building blocks” do sistema de canonização e dos sistemas literários (trans)nacionais, (Frank 13, Palenque 3, Korte, Schneider e Lethbridge 2000; Baubeta, *Anthology* 13 e Teresa Seruya, Lieven D’Hulst, Alexandra Assis Rosa e Maria Lin Moniz 1-16) e EBB – enquanto pseudocuradora e tradutora da antologia de textos portugueses – simula essa prática de intercâmbio intercultural e de transferência literária (internacional) que caracteriza a antologia de traduções (Frank e Essmann 21) ao fazer crer os seus leitores que estão perante um conjunto de poemas traduzidos que lhes permitirão conhecer melhor uma outra literatura e cultura. A antologia remete simultaneamente para os actos de coleccionar, agrupar e para a “fragmentation and wholeness” (Korte 3) dos textos e do todo da publicação em si, e o leitor atento rapidamente

concluiria que os supostos autores dos poemas não estavam identificados e que se trataria de uma pseudotradução, como vários recensores fizeram. Essa estratégia e dispositivo ficcional da pseudotradução de uma antologia portuguesa (ou redigida pela portuguesa Catarina) é facilitado pelo culto de Camões sonetista em Inglaterra sobretudo a partir de 1803, como veremos de seguida.

2. A Tradição dos Sonetos Emotivos Portugueses (de Camões) em Inglaterra e os seus Ecos na Obra de Elizabeth Barrett Browning

A tradução de John Mickle (1655) de *Os Lusíadas* gerou interesse por parte do universo intelectual inglês pela obra de Camões,¹⁴ cuja obra lírica seria também traduzida e influenciaria alguns poemas de EBB, que refere Camões e a sua epopeia em "A Vision of Poets". (*Poems I* 218) Em 1687, Philip Ayres publica, tanto quanto sabemos, a primeira tradução de um soneto¹⁵ de Camões em *Lyric Poems, Made in Imitation of the Italians, of which many are Translations from other Languages*. Em 1782, William Hayley refere Camões épico e lírico em *An Essay on Epic Poetry* (1782),¹⁶ e, em 1789, Thomas Russel publica a tradução de dois sonetos camonianos ("A fermosura desta fresca serra" e "Chorai, Ninfas, os fados poderosas", 24-27) em *Sonnets and Miscellaneous Poems*. Hayley terá sido o primeiro

14. Por exemplo, Horace Walpole, William Hayley, Sir Walter Scott, Christopher Hervey, Sir William Wraxall e Richard Twiss, (Walter 45-48) entre outros escritores românticos que ainda referiremos.

15. O texto publicado é "The Vanity of Unwarrantable Notions, Out of Portuguese, from Luis de Camoens" sobre "verdade, razão, amor e mérito". (Ayres 67) Trata-se do soneto "Verdade, Amor, Razão, Merecimento".

16. "[at once the Bard of Glory and of Love.] The Epic powers of Camoens have received their due honour in our language, (...) but our country is still a stranger to the lighter graces and pathetic sweetness of his shorter compositions. These, as they are illustrated by the Spanish notes of his indefatigable Commentator, *Manuel de Faria*, amount to two volumes in folio. I shall present the reader with a specimen of his Sonnets, for which he is celebrated as the rival of Petrarch. Of the three translations which follow, I am indebted (...) to an ingenious friend, from whom the public may wish me to have received more extensive obligations of a similar nature. It may be proper to add, that the first Sonnet of Camoens, like that of Petrarch, is a kind of preface to the amorous poetry of its author". (Hayley 273) Os três sonetos que o autor refere são: "Enquanto quis Fortuna que tivesse" e "Alma minha gentil, que te partiste", que Hayley contextualiza: "On the death of the poet's mistress, Donna Catalina de Ataide, who died at the age of twenty", e ainda "Quando de minhas mágoas a comprida." (274-276)

tradutor anónimo do soneto “Alma minha gentil que te partiste” (“Go, gentle Spirit! now supremely blest”, Igreja 102), o poema de Camões mais traduzido para inglês. (Ramos 10) Como veremos, a influência de Hayley noutros autores será essencial para a divulgação e tradução de sonetos camonianos em Inglaterra e, logo, para o poema “Catarina to Camoens” e para a pseudotradução de EBB. Em 1802, o volume 13º do *Monthly Mirror* publica o poema anónimo “Sonnet, from Camoens: Within a Grave, the Haunt of Nymph and Fay”, (51) e o *Poetical Register and Repository of Fugitive Poetry for 1801* contém dois poemas de Strangford (assinados como P****), “To a Young Lady” (61-62) e “Ode to Inès de Guete” (68-70, traduzido do espanhol) sobre o afastamento de dois amantes e a prisão amorosa do sujeito lírico.

Referências de autores como Beckford e sobretudo Southey (Castanheira 59-120) à literatura portuguesa na *Quarterly Review* (1809)¹⁷ estimulam a gradual tradução e utilização de textos literários portugueses na imprensa britânica. Em 1803 Lord Strangford publica, motivado e elogiado pelo seu vizinho, o poeta Thomas Moore, (Silva 39-40) uma antologia de sonetos de Camões, *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens: With Remarks on His Life and Writings, Notes*,¹⁸ apreciada por Lord Byron (Silva 42) e reeditada em 1805, 1808, 1809, 1824, 1828, adaptada como música e lida nos saraus londrinos de Lady Holland. (Ruiz-Guifiazú 31) Em 16 e 17 de Novembro de 1831, EBB lê esses textos camonianos traduzidos e, no dia 17, começa a redigir o poema epistolar “Catarina to Camoens”, como a autora refere no seu diário: “reading Camoens last night, suggested what I have been writing this morning – ‘Catarina to Camoens’. I do not dislike it”, (Browning, *Diary* 181) que seria revisto e publicado, em Outubro de 1843, na *Graham’s Magazine* e que RB aprecia e refere na

17. “the trend in many periodicals towards giving space to foreign literature, Southey’s researches into Spanish and Portuguese history (...) [,] all these played their part (...) in widening English horizons”. (Campbell 28)

18. Na antologia de Strangford podemos ler: “the genius of Camoens was almost universal. Like the father of English poetry, there is scarcely any species of writing from the epigram to the epic, which he has not attempted, and, like him, he has succeeded in all”. (22)

correspondência inicial trocada entre ambos. (Monteiro, *The Presence* 28 e Monteiro, "On First" 7-19) Aliás, em 2 de Junho de 1855, desde Florença, a própria EBB, ao agradecer, por carta, a John Ruskin os elogios que ele tecera sobre esse poema, refere a predilecção do marido: "[m]y husband is very much pleased, and particularly pleased that you selected 'Catarina,' which is his favourite among my poems for some personal fanciful reasons besides the rest." (Browning, *The Letters II* 200) Também RB, após a morte de EBB, em 1861, confessa que, ainda antes de a conhecer lera o poema, ficara "greatly impressed" e chorara várias vezes com as palavras da poetisa "whose condition in certain respects had, at one time or so I fancied (...), resembled those of the Portuguese Caterina." (Gardner 128) Uma recensão na *Annual Review* dedicada à antologia de Strangford refere a emotividade que EBB rentabilizaria:

[i]nstead of pilfering the reputation of another, Lord Strangford has been increasing it; he has imputed his own merits to Camoens (...). Camoens is never so amorous as his translator. There may be as much fire, but there is less flame; as much passion, but more modesty. The Portuguese is often flat, sometimes puerile, but rarely turgid; and where his subject is happy, never writer has poured forth a sweeter flow of natural and recognizable feelings. (569, 572)

Essas emoções amorosas da tradução de *Lord Strangford* são também referidas por Moore em *Epistles and Odes*: "Those madrigals, of breath divine./ Which Camoens' harp from rapture stole/ (...) Oh! could the lover learn from thee./ And breathe them with thy graceful tone, / Such dear, beguiling minstrelsy/ Would make the coldest nymph his own!" (4) Já em 1804, John Cam Hobhouse, o amigo com quem *Lord Byron* visitaria Portugal, dedica à sua futura mulher "Verses Written in Lord Strangford's Translation of Camoens and Presented to a Young Lady who Was Going to Lisbon for her Health", cujo poema-dedicatória estabelece uma relação directa entre a tradução dos sonetos de Camões por Strangford e a inspiração desse seu poema de amor: "Accept what youth to matchless beauty gives;/Here

Camoens' soul in Strangford's numbers lives,/A soul (...) slave alone to love!" (Hobhouse 165) Nesse mesmo ano, William Lisle Bowles publica "Last Song of Camoens, Inscribed to Lord Strangford", que altera o fim da vida de Camões e retrata-o com emoções paradoxais: "When rising from his melancholy bed./(...) Poor Camoens, subdued by want and woe,/Along the winding margin wandered slow./ (...) His Harp, that once could each warm feeling move". (182) Dois anos depois, William Herbert publica *Translations* que inclui "Ode from the Portuguese of Luis de Camoens", (47) na senda de Strangford. Também Lord Byron criticaria mordazmente as traduções de Strangford numa obra cáustica para com autores britânicos, invocando, mais uma vez, os sentimentos amorosos e as emoções que também o título de EBB pressupõe e rentabiliza como pseudotradução: "Learn if thou canst, to yield thine author's sense / Nor vend thy sonnets on a false pretence/ Think'st thou to gain thy verse a higher place. / By dressing Camoens in a suit of lace? /Be warm, but pure; be amorous but be chaste". ("English Bards" 427) Em 1807, Lord Byron publicaria ainda, em *Hours of Idleness* (1807), o poema "Stanzas to a Lady, with the Poems of Camoens", escrevendo, posterior e curiosamente, EBB um poema de Catarina para Camões exilado. Nas suas "Stanzas" Byron relaciona a poesia de Camões com a temática da nostalgia também na literatura inglesa e refere os poemas traduzidos por Strangford, que já criticara: "love enchanting dream/A theme we never can despise (...) In pity for the poet's woes (...) He was in sooth a genuine bard;/His was no faint fictitious flame;/Like his, may love be thy reward,/But not thy hapless fate the same"). (21)¹⁹

Em 1815, *The Scots Magazine and Edinburgh Literary Miscellany for July 1815* publica uma tradução anônima de um soneto não identificado de Camões, "From Camoens. *Not in Lord Strangford's Translation*" (Anônimo, "From Camoens" 536) e, três anos depois, uma outra autora de poesia sentimental e melancólica que canta o abandono,

19. Em 1809, em "English Bards and Scotch Reviewers", Byron critica três vezes as traduções de Strangford, cujo manuscrito teria sido lido por Moore: "Let Moore still sigh, let Strangford steal from Moore/And swear that Camoens sang such songs of yore (...)/Cease to deceive; thy pilfered harp restore, Nor teach the Lusian bard to copy Moore." (426)

a solidão, o amor não correspondido e a morte, Felicia Hemans, publica *Translations from Camoens and Other Poets*, e, em 1830, retoma o tema de Inês de Castro em *Songs of the Affections*. (Guimarães, “Felicia” 143-158) A par das traduções de Camões épico, em 1820, também John Adamson publicaria *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens*.²⁰ Nesse mesmo ano, uma recensão anónima publicada na *Eclectic Review* comenta as traduções dos sonetos e poemas de Southey, Adamson, Strangford e Hemans”, (Anónimo, “Art. IV. Memoirs of the Life” 559-571)²¹ e, três anos depois, A. A. Watts publica, nos seus *Poetical Sketches: The Profession, the Broken Heart*, um poema com a indicação “From the Portuguese of Camoens”, (134) sendo, portanto, Camões uma presença recorrente na *print culture* oitocentista, quer em livros, quer na imprensa literária e cultural. Em 1827, também Wordsworth refere Camões sonetista a cantar o exílio num poema intitulado “Scorn not the Sonnet”, que também remete para a recuperação do soneto no Reino Unido de que falámos na introdução: “Scorn not the Sonnet; Critic, you have frowned,/Mindless of its just honours; with this key/Shakespeare unlocked his heart; (...)/With it Camoens soothed an exile’s grief”. (54) No volume terceiro de *Lives of the Most Eminent Literary and Scientific Men of Italy, Spain and Portugal* (1835–1837), Mary Shelley biografa e destaca Camões e transcreve excertos de *Os Lusíadas* e de vários sonetos (Shelley 295-333) que seriam assim conhecidos do público leitor britânico que activaria esse conhecimento face à referência aos sonetos portugueses de EBB publicados, em *Poems*, logo a seguir a “Catarina to Camoens”.

Em 1841, tal como acontecera em *The Lyric Repository* (1787), Woodford publica vários sonetos camonianos em *The Book of Sonnets* (258-263) e, oito anos depois, também Christina Rossetti (1830-1894) redige “Remember”, que publica em *The Goblin Market*

20. A obra é alvo de várias recensões, nomeadamente em *The Eclectic Review*, em 1820. (Anónimo “Art. IV. Memoirs” 559–571)

21. Em 1833, um artigo intitulado “The Portuguese War”, da *Blackwood’s Edinburgh Magazine*, refere os primeiros poemas de Strangford como paráfrases de textos de Camões: “[a]t an early age he had written poetry, and among the rest, some sonnets purporting to be translations of Camoens, but which were in fact pretty paraphrases of the Portuguese poet”. (3)

and other Poems (1862) e que dialoga intertextualmente, através de temas (petrarquistas) como os amantes separados, o sofrimento e a memória, com o soneto camoniano “Alma minha gentil que te partiste”. (Alarcão 57-75) Como recorda Baubeta, tradutores oitocentistas ingleses, que também traduziam a lírica galego-portuguesa, leriam poemas como “A fermosura desta fresca serra” através do “prism of an English Romantic’s appreciation of Nature”, enquanto “Aquele triste e leda madrugada” é apreciado internacionalmente devido ao tema do amor e aos ecos dos *dawn poems* medievais. (“Revisiting” 16) Poemas como “Oh! como se me alonga de ano em ano”, “No mundo, poucos anos e cansados” ou “O dia, hora ou o último momento” ecoavam, decerto, o soneto 60 de Shakespeare (“So do our minutes hasten to their end”), ou “How long shall this like dying life endure/And know no end of its own misery”, de Spenser, enquanto o elevado número de traduções inglesas de “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades” poderá dever-se ao interesse inglês pelo tema da mudança, como atestam as obras de Milton (“How soon hath Time, the subtle thief of youth”), de Wordsworth (“From low to high doth dissolution climb”) e dos Pré-Rafaelitas.

Como sabemos, os sonetos de Camões cantam o ideal do amor petrarquista, o lamento e o sofrimento que delicia e o amor não correspondido, o triste fim do sujeito lírico (cisne) em agonia, a sensibilidade, (o contraditório) sofrimento prazeroso, o apaixonado escravo, as despedidas entre amantes, o desespero, a ferida causada pela seta de Cupido e lágrimas hiperbólicas (sonetos XXIV, XLIII, LI, LXXVII, CXCII de Camões²² traduzidos por Strangford) que formam um rio que não encontramos em “TSFP”, ao contrário de figuras angélicas do soneto LXXVII, transformando-se a “rara e angélica figura” em

22. Strangford terá traduzido os sonetos a partir da edição de *Obras de Camoens* publicada em Paris, no ano de 1759. As memórias de William Hayley descrevem como Strangford teve acesso aos poemas de Camões: “in a few visits from Worthing to Felpham he [Strangford] ingratiated himself so much with the literary recluse, that Hayley lent him one of the choicest treasures of the library, a very rare edition of the Portuguese poet, Camoens, with notes by his elaborate commentator Faria: a favour of which the young noble author was certainly worthy, from the grace and spirit displayed in his translations of select minor poems from the heroic poet of Portugal”. (II, 39) Será também Hayley que falará a John Adamson sobre Camões.

“one who seem’d of heaven’s elected train”. Strangford contextualiza o soneto XXIV de Camões e documenta, com base em Faria e Sousa, a paixão não correspondida e intolerável do sujeito lírico camoniano por Dona Catarina de Ataíde (“Aquela triste e leda madrugada”),²³ que EBB também canta, colocando Catarina a dirigir-se a Camões. EBB participa, assim, desde cedo, na tradição literária que contextualizá-mos e, em Outubro de 1843, publica na *Graham’s Magazine* o poema “Catarina to Camoëns. Dying in his absence abroad, and referring to the poem in which he recorded the sweetness of her eyes”, (208-209) um dos seus mais famosos textos no século XIX,²⁴ pelo que a Catarina que se dirige a Camões seria a amada “Portuguese” de Camões, colocando-se EBB na posição dessa mesma mulher que transforma em autora e a quem confere, assim, voz e agência, comparando Camões ao poeta inglês RB, o seu marido, a quem os sonetos eram dedicados. O título da pseudo-antologia ‘portuguesa’ de EBB apresenta-se como ambíguo e remete simultaneamente para a pseudotradução e para uma emocionada voz feminina portuguesa, Catarina. Há, portanto, um decalque intertextual, (auto)biográfico, transnacional e transhistórico entre os pares português Catarina-Camões (cantado por EBB) e inglês EBB-RB, todos eles vozes que se inscrevem (ou são inscritas) em poemas ao longo dos séculos.

Tal como a lírica galego-portuguesa e os sonetos de Camões, os poemas de EBB abordam temas rimantes como lamentos de sofrimento ou exaltações de alegrias, experiências, emoções e valores universais que caracterizam a natureza e a condição humana (enamorado), da perda e afastamento (por proibição da relação, desinteresse, viagem ou morte) à ansiedade provocada pelo enamoramento, esperança, melancolia, paixão, entre tantos outros. Não seria, portanto,

-
23. “But in those days love was a state of no trifling probation, and ladies then unconscionably expected a period of chivalrous servitude, which happily for gentlemen, is no longer required (...). On the morning of his departure [forced exile to Santarém], his mistress relented from her wonted severity, and confessed the secret of her long-concealed affection. The sighs of grief were soon lost in mutual delight and the hour of parting was, perhaps, the sweetest of our poet’s existence”. (Strangford 1803, 9-10)
24. Por exemplo, Emily Dickinson citou o poema duas vezes, John Ruskin, emocionado, elogiou o poema a amigos e à própria autora e Herman Melville identificou o poema de EBB ao ler a tradução de Strangford de sonetos de Camões. (Monteiro, *Presence* 26-27)

de admirar que RB, que teve a ideia do título final, e depois EBB os acabassem por associar a Portugal. A par desse fenómeno, um outro contribui para a suposta origem portuguesa dos sonetos de EBB, o destaque conferido a Portugal e à sua literatura, história e arte a partir de final do século XVIII por escritores e tradutores românticos como o lusitanista *Lord Strangford*, *Lord Byron*, *Southey* ou *Wordsworth*, este último no âmbito da Guerra Peninsular, entre tantos outros. O leitor anglófono poderia, assim, com um maior conhecimento sobre a literatura de Portugal, associar, a partir da tradução de Camões lírico de *Lord Strangford* publicada em 1803, os *Sonnets a Camões*, autor que, como vimos, goza, no início do século XIX, de um pico de fama na Grã-Bretanha e conseqüentemente nos Estados Unidos, (Andrews 171)²⁵ tendo escritores como Herman Melville identificado a influência de Camões em EBB ao ler a tradução, ou melhor, a adaptação livre de *Lord Strangford* do soneto camoniano “The heart that warm’d my guileless breast” e sublinhar todo o texto excepto o verso “And sweetest eyes that e’er were seen!” que o leva a anotar essa página “Mrs Browning’s verses on this”, tornando-se significativo que Mellville refira “Catarina to Camoens” de EBB ao ler poemas de Camões em inglês. (Monteiro, *Presence* 27) Também missivas de RB rentabilizaram a imagem dos olhos doces do texto de Camões projectados em EBB: “Blessed eyes mine eyes have been, if – if there was any sweetness in the tongue or flavour in the seeds to her” (R. Browning, *The Letters* 241) O famoso verso de EBB “Sweetest eyes that e’er were see” retirara-o a poetisa (para o refrão do seu poema “Catarina to Camoens”) da tradução do “Madrigal” de Camões por *Lord Strangford*, na qual lemos: “The heart that warm’d my guileless breast/Some wanton hand had thence convey’d, (...)/And sweetest eyes that e’er were seen!”/ And sure if Love be in the right, (...) And sweetest eyes that e’er were seen”. (Camões 39; itálicos nossos)

O Camões épico a cantar glórias nacionais era famoso na Inglaterra desde a tradução de Fanshawe em 1655, mas o lírico, mais maneirista,

25. Andrews menciona a imagem de Camões criada por *Lord Stangford* nas suas traduções e paratextos: “Lord Viscount Strangford’s amorous and unfortunate but always gallant lyric Camões”. (171)

exilado e a sofrer de amor, só seria divulgado, como vimos, pela tradução de *Lord Strangford* em 1803 e pelo seu estudo “Remarks on the Life and Writings of Camoens” que contextualiza Camões como herói ao gosto romântico e o apresenta ao público britânico como um escritor menosprezado,²⁶ empobrecido e exilado devido ao amor por Catarina, (Monteiro, *Presence* 31) a figura feminina que EBB, após ler a tradução de Strangford, coloca a homenageá-lo e a retribuir-lhe o amor. Letzring conclui que foram os poemas sobre exílio, melancolia e erotismo que atraíram os leitores anglófonos no século XIX: “in addition, his final neglect and impoverishment as well as his misfortunes in love gave such poets as William Lisle Bowles and Elizabeth Barrett Browning subject matter for their own poems”. (290)

Conclusão

Como vimos ao longo deste trabalho, EBB rentabiliza e dá continuidade ao mito romântico de Camões²⁷ ao poetizar a informação que colhe da biografia de Camões da autoria de *Lord Strangford* e das suas traduções dos sonetos,²⁸ nomeadamente quando (Strangford 10-13) informa — através de um sedutor micro-enredo de amor cavaleiresco — o público inglês sobre os momentos em que Catarina e Camões se apaixonam numa igreja de Lisboa e confessam o seu amor. Essa breve biografia mitificada acentua o carácter heróico do poeta em contextos militares e coloniais, e se, ao traduzir, Strangford não se preocupa em ser demasiado fiel ao original domesticado ao misturar versos de vários poemas e ao introduzir versos seus, (Letzring “Strangford” 299; Baubeta “Revisiting” 5) essa liberdade poética será também visível no título de EBB ao ficcionar a tradução, (Lombet 107-121) exercício de que nos ocupámos e contextualizámos ao estudar “SFTP” como pseudo-antologia traduzida do português. A poetisa

26. Sobre a construção de Camões como um poeta lírico nacional em Portugal, veja-se Anastácio 61-74.

27. Sobre o mito romântico *vide* Silva, *John Adamson* 159-187.

28. Sobre as muitas centenas de traduções de sonetos de Camões para inglês, veja-se Baubeta, *The Sonnets* 11-90.

utiliza o dispositivo ficcional da pseudotradução para sugerir que a autoria dos textos poéticos seria de autores portugueses, nomeadamente Catarina, como revela a intertextualidade do título “SFTP” com o título da antologia camoniana traduzida por *Lord Strangford* (*Poems from the Portuguese*), para, assim, associar à sua obra de cariz autobiográfico a sentimentalidade da longa tradição poética lusa em torno de temas amorosos (emoções desmesuradas) para se resguardar de críticas sobre a emotividade dos seus próprios versos, projectando a lírica portuguesa no seu texto. O poema amoroso assume-se assim em “SFTP” como máscara transnacional e intercultural, sendo curiosas as opções distintas dos tradutores português e brasileiro da obra. Enquanto, em Portugal, no ano de 1991, Manuel Corrêa de Barros opta por evidenciar o colectivo nacional no título *Sonetos Portugueses*, em 2011, o tradutor brasileiro Leonardo Fróes intitula a sua tradução *Sonetos da Portuguesa*, ou seja, a Catarina camoniana, tendo ambas essas leituras-estratégias do título sido, aliás, contempladas pela autora e pelo seu marido, como vimos.

A melancolia, a coita de amor e o sentimentalismo marcam a poesia camoniana, tal como a lírica galego-portuguesa, e esses temas e atitudes lusas para com o amor são rentabilizados por EBB ao orientar o horizonte de expectativas do leitor para a pseudotradução de uma antologia de poesia lusa e ao camuflar a sua autoria de textos amorosos e sentimentais dirigidos ao marido RB que a motivou a publicá-los através desse dispositivo ficcional. Como vimos, também Melville, ao ler sonetos de Camões traduzidos por Langford, os associa imediatamente a “Catarina to Camoens” de EBB, prova de que os Browning sabiam bem que os leitores britânicos em geral também fariam essa associação, facilitando o dispositivo da pseudotradução. “SFTP” ecoa intertextualmente as cartas de Mariana Alcoforado e a poesia de Soror Maria do Céu, mas é o poema “Catarina to Camoens”, um dos mais apreciados na Grã-Bretanha do século XIX, que leva o casal Browning a escolher o adjectivo “Portuguese” que também convida a lírica maneirista, melancólica e de amores não correspondidos portuguesa. Os sonetos de EBB privilegiam, assim, a focalização de Catarina (a “Portuguese”) a quem a autora inglesa já conferira, num

anterior projecto proto-feminista (“Catarina to Camoens”), quer uma voz amorosa pública e literária que se dirige ao poeta amado exilado, quer expressividade e criatividade poética e ainda agência amorosa, como Jean Rhys viria a fazer, em 1966, a Bertha/Antoinette Cosway em *Wide Sargasso Sea*. Se um soneto pode funcionar como “a distillation of *saudade*, a vehicle for intense emotion”, a sua redação poderá constituir “a literary rite of passage, a means of demonstrating technical virtuosity, the verbal equivalent of a virtuoso playing a particularly complex violin piece”, (Baubeta “Revisiting” 1) EBB fá-lo equiparando-se aos cultores do soneto renascentistas lusos e ingleses, imitando a sua linguagem e os seus temas amorosos, no feminino.

Obras Citadas

1. Literatura primária

Browning, Elisabeth Barrett. “Catarina to Camoens.” *Graham’s Magazine* 24 (1843): 208-209.

---. *Poems*. 2 vols. Londres: Chapman & Hall, 1850.

Browning, Robert. *The Letters of Robert Browning and Elizabeth Barrett Barrett, 1845- 1846*. Ed. Elvan Kintner. Cambridge: Harvard UP, 1969.

2. Literatura secundária

2.1. Fontes

Browning, Elisabeth Barret. *Diary by E.B.B.: The Unpublished Diary of Elizabeth Barrett Barrett, 1831-1832*. Ed. Philip Kelley e Ronald Hudson. Athens: Ohio UP, 1969.

---. *The Letters of Browning, Elisabeth Barret*, vol. 2. New York: The Macmillan Company, 1898.

Camões. *Poems From the Portuguese of Luis de Camoens*. Trad e ed. Lord Viscount Strangford. Londres: J. Carpenter, 1805.

Curl, Richard (ed.) *Robert Browning and Julia Wedgwood: A Broken Friendship as Revealed in their Letters*. Londres: John Murray & Jonathan Cape, 1937.

2.2. Obras literárias

Anónimo. "From Camoens. Not in Lord Strangford's Translation." *The Scots Magazine and Edinburgh Literary Miscellany for July 1815* [sem vol.] (1815): 536.

---. "Thy lovely charms, celestial maid." *The Lady's Monthly Museum, or, Polite Repository of Amusement and Instruction* 12 (1804): 64.

Ayres, Philip. *Lyric Poems, Made in Imitation of the Italians, of which many Are Translations from other Languages*. Londres: F. Saunders, 1687.

Bowles, William Lisle. *The Poetical Works of William Lisle Bowles, with Memoirs, Critical Dissertation, and Explanatory Notes*. Ed. Rev. George Gilfillan. Londres: Cassell, Peter, Galpin and Co., 1837.

Byron, Lord. *Hours of Idleness*. Londres: S. and J. Ridge, 1807.

Hall, Mrs. Herman. *Two Travellers in Europe*. Springfield: Hampden Publishing Company, 1898.

Hayley, William. *An Essay on Epic Poetry*. Londres: John Dodsley, 1782.

---. *Memoirs of the Life and Writing of William Hayley, Esq.* Ed. John Johnson. Vol. III. Londres: Printed for Henry Colburn, 1843.

Herbert, William. *Translations from the Italian, Spanish, Portuguese, and German, &c. to Which is Added Miscellaneous Poetry*. Vol II. Londres: Longman, Hurst, Rees, and Orme, 1806.

Hobhouse, John Cam. "Verses Written in Lord Strangford's Translation of Camoens and Presented to a Young Lady who Was Going to Lisbon for her Health". *Imitations and Translations from the Ancient and Modern Classics, Together with Original Poems*. Ed. John Cam Hobhouse. Londres: Longman, Hurst, Rees and Orme, 1908. 164-167.

Moore, Sir Thomas. *Epistles, Odes and other Poems*. Philadelphia: John Watts, 1806.

Old Nick. "Thy lovely charms, celestial maid." *The Spirit of the Public Journals* (1804): 114.

Russell, Thomas. *Sonnets and Miscellaneous Poems by the Late Thomas Russell*. Oxford: D. Prince and J. Cooke, 1789.

- Strangford, Lord. "Poems from the Portuguese of Luis de Camoens by Lord Strangford." *Annual Review and History of Literature for 1803* II (1804): 569-572.
- Strangford, Lord Viscount, Percy Clinton Sydney Smythe. *Poems from the Portuguese of Luis de Camoens; with Remarks on his Life and Writings, Notes*. Philadelphia: H. Maxwell, 1805.
- Watts, A. A. *Poetical Sketches: The Profession, the Broken Heart, etc.: with Stanzas for Music, and Other Poems*. Londres: Hurst, Robinson, 1824.
- Woodford, J. Montague. *The Book of Sonnets*. Londres: Saunders and Otley, 1841.
- Wordsworth, William. *The Sonnets of William Wordsworth: Collected in One Volume*. Londres: Edward Moxon, 1838.

2.3. Estudos

- Anónimo. "Art. IV. Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens." *The Eclectic Review* 14 (1820): 559-571.
- . "A Box of Books." *Blackwood's Edinburgh Magazine* 91.558 (1862): 449-451.
- . "Mrs. Browning's Poems." *Fraser's Magazine for Town and Country* 43.254 (1851): 178-181.
- . "The Portuguese War." *Blackwood's Edinburgh Magazine* XXXIII (January- June 1833): 3.
- Adamson, John. *Memoirs of the Life and Writings of Luis de Camoens*. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1820.
- Alarcão, Miguel. "‘Essa Palavra Saudade’: Para uma Poética Anglo-Portuguesa". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* 22 (2013): 57-75.
- Anastácio, Vanda. "A Criação de um Poeta Nacional: Breve Panorâmica das Edições da Lírica Camoniana entre 1595 e 1870". *Floema* 6:7 (2010): 61-74.
- Andrews, Norwood. "Toward an Understanding of Camões' Presence as a Lyric Poet in the Nineteenth-Century American Press." *Luso-Brazilian Review* 17.2 (1980): 171-185.
- Apter, Emily. *Against World Literature: On the Politics of Untranslatability*. New York: Verso, 2013.
- . *The Translation Zone: A New Comparative Literature*. Princeton: Princeton UP, 2006.
- Armstrong, Isobel. *Victorian Poetry: Poetry, Poetics and Politics*. Londres: Routledge, 1993.

- Ashwin, E. Allen. "Introduction to *The Letters of a Portuguese Nun*." *The Letters of a Portuguese Nun*. Trad. E. Allen Ashwin. Talybont Dyffryn: Francis Walterston, 1929.
- Baubeta, Patricia Odber de. *The Anthology in Portugal: A New Approach to the History of Portuguese Literature in the Twentieth Century*. Bern: Peter Lang, 2007.
- . "Revisiting Camões' Sonnets: Anthologies, Translations and Canonicity." *Bulletin of Spanish Studies* 93 (2017): 1-23.
- . "The Sonnets of Camões in English Translation." *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* 23 (2014): 11-90.
- Black, Joseph Laurence. *The Broadview Anthology of British Literature*. Vol. 5: *The Victorian Era*. Toronto: Broadview Press, 2012.
- Byron, Lord G. N. "English Bards and Scotch Reviewers." *The Poetical Works of Lord Byron*. Londres: John Murray, 1879.
- Campbell, Jane. *The 'Retrospective Review', 1820-1828 and the Revival of Seventeenth-Century Poetry*. Waterloo: Waterloo Lutheran U, 1972.
- Castanheira, Maria Zulmira. "Robert Southey, o Primeiro Lusófilo Inglês." *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* 5 (1996): 59-120.
- Dillon, Steve. "Barrett Browning's Poetic Vocation: Crying, Singing, Breathing." *Victorian Poetry* 39.4 (2001): 16-26.
- Dionísio, Mário. *Agora Entra no Vento: Tradução e Gênese na Obra de M. S. Lourenço*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2020.
- Duncan, Dennis. "Chapter 18 Less Than Paper-Thin: Pseudotranslations, Absent Fathers and Harry Mathews's Armenian Papers." *Prismatic Translation*. Ed. Matthew Reynolds. Londres: Transcript, 2020. 346-58.
- Elmore, P. P.. "Elizabeth Barrett Browning: Argumentative Discourse in *Sonnets from the Portuguese*." *Studies in Browning and his Circle* 20 (1992): 95-105.
- Frank, Armin Paul. "Anthologies of Translation." *Encyclopedia of Translation Studies*. Ed. Mona Baker. Londres: Routledge, 1998. 13-16.
- e Helga Essmann. "Translation Anthologies: A Paradigmatic Medium of International Literary Transfer." *Amerikastudien/American Studies* 35.1 (1990): 21-34.
- Frere, Bartholomew. "ART. III. Poems from the Portuguese of Luis de Camoens, with Remarks on His Life and Writings. Notes, &c. &c." *Edinburgh Review* 6.11 (April 1805): 43-50.
- Gardner, B. Tiplin. *The Life of Elizabeth Barrett Browning*. New Haven: Yale UP, 1957.

- Garrett, Martin. *A Browning Chronology Elizabeth Barrett and Robert Browning*. Houndmills: Macmillan, 2000.
- Genette, Gérard. *Seuils*. Paris: Éditions du Seuil, 1987.
- Gosse, Edmund. *Critical Kit-Kats*. New York: Dodd, Mead and Company, 1896.
- Guimarães, Ana Paula. "'O Gosto de Ser Triste': Algumas Fontes Portuguesas para a Poética da Melancolia de Elizabeth Barrett Browning em *Sonnets from the Portuguese* (1850)." *Diacrítica* 31.2 (2017): 59-82.
- . "Felicia Hemans's *Coronation of Inez de Castro* (1830): Feminine Romanticism and the Memorialisation of Woman." *Entre Classicismo e Romantismo: Ensaios de Cultura e Literatura: Studies in Classicism and Romanticism* 2. Ed. Jorge Bastos da Silva e Maria Zulmira Castanheira. Porto: FLUP /CETAPS 2013. 143-158.
- Gürçağlar, Şehnaz Tahir. "Pseudotranslation on the Margin of Fact and Fiction." *A Companion to Translation Studies*. Ed. Sandra Bermann e Catherine Porter. Oxford: Wiley Blackwell, 2014. 516-527.
- Grazia, Margreta de. *Shakespeare Verbatim: The Reproduction of Authenticity and the 1790 Apparatus*. Oxford: Clarendon Press, 1991.
- Hair, Donald S.. *Fresh Strange Music: Elizabeth Barrett Browning's Language*. Londres: McGill-Queen's University Press, 2015.
- Hermans, Theo. *Translation in Systems. Descriptive and Systemic Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.
- Hopkins, David. "On Anthologies." *The Cambridge Quarterly* 37.3 (September 2008): 285-304.
- Igreja, Maria Eugénia. "A Lírica de Camões em Língua Inglesa." *Camões em Inglaterra*. Ed. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992. 101-127.
- Iser, Wolfgang. *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*. Baltimore: John Hopkins UP, 1978.
- Jauss, Hans Robert. *Toward an Aesthetic of Reception*. Trad. Timothy Bahti. Minneapolis: U of Minnesota P, 1982.
- Karlin, Daniel (ed.) *Robert Browning & Elizabeth Barrett. The Courtship Correspondence 1845-1846*. Oxford: Oxford UP, 1990.
- Koçak, Müge Işıklar. "Pseudotranslations of Pseudo-scientific Sex Manuals in Turkey." *Tradition, Tension and Translation in Turkey*. Ed. Şehnaz Tahir Gürçağlar, Saliha Paker e John Milton. Amesterdão: John Benjamins, 2015. 199-218.

- Korte, Barbara, Rolf Schneider e Stefanie Lethbridge (eds.) *Anthologies of British Poetry. Critical Perspectives from Literary and Cultural Studies*. Amsterdão: Rodopi, 2000. 1-41.
- Kristmannsson, Gauti. "Ossian and the State of Translation in the Scottish Enlightenment." *The International Companion to James Macpherson and the Poems of Ossian*. Ed. Dafydd Moore. Glasgow: Scottish Literature International, 2017. 39-51.
- Large, Duncan. "What Remains: Pseudotranslation as Salvage." *Comparative Critical Studies Electronic Supplement* (2018): 5-16
- Leighton, Angela. *Elizabeth Barrett Browning*. Bloomington: Indiana UP, 1986.
- Letzring, Monica. "Strangford's Poems from the Portuguese of Luis de Camoens." *Comparative Literature* 23.4 (1971): 289-311.
- Lofft, Capel. *Laura or An Anthology of Sonnets (on the Petrarchan Model) and Elegiac Quatuorzains: English, Italian, Spanish, Portuguese, French, and German; Original and Translated; Greater Part Never Before Published*. vol. I. Londres: R. and A. Taylor, 1814.
- Lombez, Christine. "La 'Traduction Supposée' ou: de la Place des Pseudotraductions Poétiques en France." *Fictionalising Translation and Multilingualism*. Ed. Dirk Delabastita e Rainier Grutman. Antwerpen: Hogeschool Antwerpen Hoger Inst. voor Vertalers en Tolken, 2005. 107-21.
- Lovelock, Julian. *Where All the Ladders Start: A Study of Poems, Poets and the People who Inspired Them*. Cambridge: The Lutterworth P., 2023.
- Mermin, Dorothy. *Elizabeth Barrett Browning: The Origins of a New Poetry*. Chicago: Uni. of Chicago P., 1989.
- . "The Female Poet and the Embarrassed Reader: Elizabeth Barrett Browning's *Sonnets from the Portuguese*." *ELH* 48.2 (1981): 351-367.
- Monteiro, George. *Fernando Pessoa and Nineteenth-century Anglo-American Literature*. Lexington: The UP of Kentucky, 2000.
- . "On First Looking into Strangford's Camões: Elizabeth Barrett Browning's 'Catarina to Camoëns'." *Studies in Browning and His Circle* 8.1 (1980): 7-19.
- . *The Presence of Camões. Influences on the Literature of England, North-America and Southern Africa*. Lexington: The UP of Kentucky, 1996.
- Moretti, Franco. "Style, Inc.: Reflections on Seven Thousand Titles (British Novels, 1740-1850)." *Critical Inquiry* 36 (2009): 134-58.

- Morlier, Margaret M. "Sonnets from the Portuguese and the Politics of Rhyme." *Victorian Literature and Culture* 27 (1999): 97-112.
- O'Sullivan, C. "Pseudotranslation". *Handbook of Translation Studies*. Vol. 2. Ed. Y. Gambier e L. van Doorslaer. Amesterdão: John Benjamins, 2011. 123-125.
- Palenque, Marta. "Cumbres y abismos: las antologías y el canon." *Ínsula: Revista de Letras y Ciencias Humanas*, 721-722 (2007): 3-4.
- Popovič, A. *Dictionary for the Analysis of Literary Translation*. Edmonton: U of Alberta, 1976.
- Pym, Anthony. "The Translator as Non-Author, and I am Sorry about That". *The Translator as Author: Perspectives on Literary Translation*. Ed. Claudia Buffagni, Beatrice Garzelli e Serenella Zanotti. Berlim: LIT, 2011. 31-43.
- Rahman, Arifa Ghani. "'Sonnets from the Portuguese': Understanding the Changes in the Sequencing." *InSight: Rivier Academic Journal* 11.1 (2015): 1-9.
- Rambelli, Paolo. "Pseudotranslation". *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Ed. Mona Baker e Gabriela Saldanha. New York: Routledge, 2020. 441-445.
- Ramos, Iolanda Freitas. "Ser e não Ser – Camões, o Shakespeare Português". *Revista de Estudos Anglo-Portugueses* 14 (2005): 7-25.
- Rath, Brigitte. "Pseudotranslation." *Translation and the Classic*. Ed. Paul F. Banda, James Hadley e Siobhán McElduff. New York: Routledge, 2024. 111-138
- . "Pseudotranslation." *Futures of Comparative Literature. ACLA State of the Discipline Report*. Ed. Ursula K. Heise, D. Andrew, A. Beecroft, J. Berman, D. Damrosch, G. De Ferrari, C. Domínguez e B. Harlow. E. Hayot. Londres: Routledge, 2017. 230-233.
- Remoortel, M. Van. "(Re)gendering Petrarch: Elizabeth Barrett Browning's 'Sonnets from the Portuguese.'" *Tulsa Studies in Women's Literature* 25.2 (2006): 247- 266.
- Reynolds, M. "Love's Measurement in Elizabeth Barrett Browning's *Sonnets from the Portuguese*." *Studies in Browning and his Circle* 21 (1997): 53-67.
- Riede, David G. *Allegories of One's Own Mind: Melancholy in Victorian Poetry*. Columbus: Ohio State UP, 2005.
- Robinson, D. "Pseudotranslation". *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. Ed. M. Baker. Londres: Routledge, 1998. 183-185.
- Rowland, Jon Thomas. *Faint Praise and Civil Leer: The "Decline" of Eighteenth-Century Panegyric*. Newark: U of Delaware P, 1994.

- Ruiz-Guihazu, Enrique. *Lord Strangford y la revolución de mayo*. Buenos Aires: Bernable y Cia, 1937.
- Santoyo, Julio César. "La traducción como técnica narrativa." *Actas del IV Congreso de la Asociación Española de Estudios Anglo-Norteamericanos*. Ed. AA.VV. Salamanca: Ediciones Universidad, 1984. 37-53.
- Sena, Jorge. *A Literatura Inglesa*. São Paulo: Editora Cultrix, 1963.
- Seruya, Teresa, Lieven D'Hulst, Alexandra Assis Rosa e Maria Lin Moniz. "Introduction. Translation in Anthologies and Collections: An Overview and some Prospects." *Translation in Anthologies and Collections (19th and 20th Centuries)*. Amesterdão: John Benjamins, 2013. 1-16.
- Shelley, Mary. *Eminent Literary and Scientific Men of Italy, Spain, and Portugal*. Vol. 3. Londres: Longman, Orme, Brown, Green, 1837.
- Silva, Dorothy Martins da. *A Period of English Literature Mirrored through the Translations of Luis de Camoes by a Nineteenth Century Minor Writer*. Dissertação de Mestrado. Washington D. C.: The American U, 1969.
- Silva, João Paulo Ascenso Pereira da. "John Adamson e o Mito Romântico de Camões". *Camões em Inglaterra*. Ed. Maria Leonor Machado de Sousa. Lisboa: Ministério da Educação/Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1992. 159-187.
- Smulders, Sharon. "'Medicated Music': Browning's Sonnets from the Portuguese." *Victorian Literature and Culture* 23 (1995): 193-213.
- Stone, Marjorie. *Elizabeth Barrett Browning*. New York: St Martin's, 1995.
- Taylor, Dennis. *Hardy's Metres and Victorian Prosody: With a Metrical Appendix of Hardy's Stanza Forms*. Oxford: Clarendon, 1988.
- Telge, Claud. "Making Paper Liquid: Thoughts on Erasure and Translation in the Poetry of Uljana Wolf." *Formes Poétiques Contemporaines* 14 (2019): 123-134.
- Ton, Naaijken. "The World of World Poetry: Anthologies of Translated Poetry as a Subject of Study." *Neophilologus* 90.3 (2006): 509-520.
- Toury, Gideon. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amesterdão: John Benjamins, 2012.
- Vanacker, B. "The Gender of Pseudotranslation in the Works of Marie-Jeanne Riccoboni, Mme Beccari and Cornélie Wouters." *Tusaaji: A Translation Review* 6.1 (2018): 78-95.
- Venuti, L. *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference*. New York: Routledge, 1998.

Walter, Félix. *La littérature portugaise en Angleterre à l'époque romantique*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1927.

Williams, Rhian. "'Our Deep, Dear Silence': Marriage and Lyricism in the *Sonnets from the Portuguese*." *Victorian Literature and Culture* 37 (2009): 85-102.